

RETROSPECTIVAS



Brian de Palma

Foi depois de ver *Citizen Kane* e *Vertigo* que Brian de Palma decidiu trocar a física pelo curso de cinema na conceituada universidade Sarah Lawrence. Aí tomou contacto com nomes que o viriam a marcar profundamente como Antonioni, Godard, Warhol ou Hitchcock.

Os seus primeiros anos no cinema são também os primeiros anos de Robert de Niro no cinema - erradamente creditado como Roberto Denero num dos filmes da dupla. Estão juntos em *The Wedding Party*, *Greetings* (vencedor de um urso de prata em Berlim) e *Hi, Mom!*. Os seus filmes denotavam um experimentalismo e intertextualidade próprio do cinema da nova vaga ao mesmo tempo que exibiam um suspense contido e depurado à la Hitchcock.

Fã da alienação de Brecht, que procura manter o público ciente do envolvimento emocional que o filme lhe proporciona, de Palma valoriza mais o meio em si, o cinema, do que a interpretação arbitrária do seu conteúdo. "Absorvemos [o público] e depois alienamo-lo. No fim dizemos, 'É só um filme, certo? Não é real'", conta numa entrevista.

Foi com a adaptação de um livro de Stephen King, *Carrie* que o realizador chegou ao grande público garantindo aos actores nomeações para os Óscares. Foi o primeiro a explorar o terror visualmente sem recorrer ao diálogo usando, para isso, várias técnicas como o split-screen ou a slow motion. Com *The Fury*, chamou a atenção de Godard que o integrou nas suas *História(s) do Cinema*.

Do thriller à acção – *Blow Out (Explosão)* ou *Missão Impossível* - passando pela temática gangster – *Scarface (A força do Poder)*, *Carlito's Way (Perseguido pelo passado)* ou *The Untouchables (Os Intocáveis)* - Brian de Palma tem uma das mais sólidas e, ao mesmo tempo, variadas obras cinematográficas.

O Leffest dedica-lhe uma retrospectiva que inclui o seu mais recente filme, *Passion*.



Hou Hsiao-Hsien

Biografia e filmografia de Hou Hsiao-Hsien (n. 1947) unem-se na geografia. Ou melhor, num único lugar. Taiwan, para onde foi viver com um ano, onde cresceu e estudou cinema, é cenário, motor e protagonista de quase todo o seu trabalho. A relação é recíproca: desde os anos 80 que o cineasta é figura central do novo cinema taiwanês. É também um dos mais inovadores e respeitados realizadores a nível mundial.

Um Leão de Ouro por *A Cidade da Dor* (1989) e o prémio do Júri em Cannes para *O Mestre das Marionetas* (1993) coroam uma obra composta por quase 20 longas-metragens em que se destacam os temas da memória, da família e da identidade. Com *Good Men, Good Women*, os dois filmes referidos compõem a trilogia de Taiwan, referência fundamental com que ousou contar a história da ilha – ao seu estilo.

Entrar na cinematografia de Hsiao-Hsien é passar para um mundo à parte. “O que é um filme senão uma tentativa de inventar relações originais entre o tempo e espaço?”, disse numa entrevista. Os longos e sucessivos planos-sequência são imagem de marca, tal como os vários planos de acção, dentro e fora do enquadramento. “Creio que nos meus filmes se perde o sentido do tempo como nos sonhos.”

Hsiao-Hsien já tinha 36 anos quando chamou a atenção da crítica. Depois de três filmes comerciais, surpreendeu com *The Sandwich Man* (1983), um filme rodado a três, e sobretudo com a narrativa autobiográfica *Os Rapazes de Fengkuei* (1983), um dos seus favoritos.

É nesta altura que o crítico francês Olivier Assayas o conhece em Taiwan. “Atarracado”, “rosto redondo” e “sorridente” são alguns dos termos com que o descreve no artigo para os “Cahiers du Cinéma” que o há-de apresentar ao mundo. Acrescenta que é o “mais marcante” dos cineastas taiwaneses que conhece nessa viagem. Pouco depois, *Os Rapazes de Fengkuei* ganhará o Festival dos Três Continentes, em Nantes, e o resto, como se costuma dizer, é conversa.



“D’abord et in fine, il est un des très grands cinéastes de l’histoire de cet art. De cela, on ne peut pas dire beaucoup, seulement souhaiter à chacun la rencontre avec les splendeurs douces et les abîmes qu’explorent ses films depuis plus de 30 ans. Mais son œuvre fait aussi de lui une figure exemplaire pour le cinéma sur le plan politique, sur le plan esthétique et sur le plan symbolique. Et c’est bien sûr ce qui secrètement nourrit l’exceptionnelle beauté de ses films.”

Jean-Michel Frodon